



*Incongruências na relação “homem e natureza” no Médio Rio Tocantins*

*Inconsistencies in the relation “human and nature” in the Médio Rio Tocantins*

CASTRO, Vonínio Brito de<sup>1</sup>; BARROS, Flávio Bezerra<sup>2</sup>

1 Programa de Pós-graduação em Antropologia PPGA/UFPA, [voninio@yahoo.com.br](mailto:voninio@yahoo.com.br); 2 Programa de Pós-graduação em Antropologia PPGA/UFPA, [flaviobb@ufpa.br](mailto:flaviobb@ufpa.br)

**Resumo**

O objetivo neste texto foi analisar as incongruências na relação entre homem e natureza, a partir do estudo da relação de uma população tradicional do médio rio Tocantins com a atividade de cultivo nas vazantes. Utilizei a observação participante e a análise situacional. Os resultados apontam que as transições na agricultura de vazante se intensificaram após as barragens, aumentando as incongruências entre esses povos e a natureza. A proibição da continuidade no plantio nas vazantes, a intensa imigração, dentre outros, têm dificultado a continuidade desses sujeitos nessa região.

**Palavras-chave:** relação, agricultura de vazante, simbiose, barragem (;)

**Abstract:**

The purpose of this paper has been to analyze the inconsistencies in the relationship between human and nature, from the study of the relationship of a traditional population of the Médio Rio Tocantins with the growing activity in the ebb agriculture. I used the participant observation and situational analysis. The results show that the transitions in ebb agriculture has intensified after the dams, increasing the inconsistencies between these people and nature. The prohibition of continuity in planting the ebb, the intense immigration, among others, have hampered the continuity of these subjects in this region.

**Keywords:** ebb agriculture, symbiosis, dam (;).

**Introdução**

A “agricultura ou sistema de vazante”(Embrapa, 2004) são um componente social indispensável na relação homem e natureza no Médio Rio Tocantins. Trata-se do cultivo nas “faixas de terras situadas às margens dos açudes, barragens, lagoas e leitos dos rios, que são cobertas pelas águas durante o período chuvoso e descobertas durante a época seca (IBIDEM, p. 1). Nesse cultivo além de usar uma tecnologia simples, não se utiliza insumos químicos, por isso, sua produção é em pequena escala. É o plantio na terra banhada pelas cheias do rio (janeiro-março) que os vazanteiros pescadores dessa região têm se mantido durante décadas, formulando e reformulando seus conhecimentos sobre os ecossistemas. A relação homem e natureza tem-se concebida como o objeto predominante nos debates e



reflexões antropológicas. A importância dada a essa relação não arrefece no final do século, ao contrário, ganha nova dimensão e ênfase diante dos problemas ambientais pelos quais perpassam esses povos. O objetivo deste estudo é analisar as incongruências na relação entre homem e natureza, a partir do estudo da relação de uma população tradicional do médio rio Tocantins com a atividade de cultivo nas vazantes.

### **Metodologia**

O estudo foi realizado 09/2014 e 02/2015 por meio da observação participante (MALINOWSKI, 1978) e da análise situacional (Gluckman 1987). Na região observada habitam 40 pessoas (18 mulheres e 22 homens) que com base nas atividades que realizam os denominam de “Vazanteiros pescadores”. A área está situada às margens rio Tocantins, no entorno das coordenadas de lat. 8° 5'4.85", Sul e long. 48° 3'54.94" O., alt. 140m acima do nível do mar. Região fronteira do município de Palmeirante –TO e Itapiratins –TO.

### **Resultados e discussões**

#### **As incongruências no modus vivendi local**

Os ecossistemas, incluindo a vegetação, o rio e a fauna terrestre e aquática tinham seus ciclos estáveis antes dos empreendimentos hidrelétricos, a UHE Lajeado – TO inaugurada em 2001 à montante, e a UHE Estreito (TO/MA), inaugurada em 2010 à jusante. Além do fim das cheias, esses sujeitos foram proibidos plantar nas áreas estabelecidas como Área de Proteção Ambiental. Com a intensificação da imigração, a vegetação de mata deu lugar para a monocultura de grãos (soja) e de pastagens para o cultivo de gado bovino.

Explicar a relação homem e natureza considerando essas variações nos ecossistemas e na força de trabalho nos leva a pensar as barragens como grandes responsáveis pelas incongruências na relação desses sujeitos com a natureza. As alterações parecem irreversíveis pela intensidade das forças contrárias à continuidade da *práxis* local. Com efeito, o rompimento com alguns costumes e com o *habitus* (BOURDIEU, 1979) local parece inevitável.

Segundo os interlocutores não se imaginava alteração intensa nos ecossistemas locais, capaz de perturbar o modo de vida local. A continuidade desses sistemas



econômicos, tal como eram desenvolvidos, parecia também garantir a manutenção das relações socioculturais.

### **O trabalho na relação homem e natureza**

Karl Marx (2010) concebe o trabalho como articulador na intermediação da relação homem e natureza. Para ele, o fato do homem fazer uso de sua força física no trabalho, sob o controle do cérebro, a mão de obra constitui um mecanismo de regulação e controle desse intercâmbio com a natureza. Os períodos da seca e das cheias regulam os processos econômicos, socioculturais e político desses povos. O fenômeno das cheias permite uma renovação natural da terra e do lugar. Além de adubar e renovar a terra, contribui para renovação das expectativas das famílias, sobretudo dos responsáveis pela força do trabalho. As terras baixas inundáveis, além de serem locais de pouca presença de ervas espontâneas, possuem disponibilidade de água que ajudam no crescimento das plantas e, também, por serem solos considerados de alto teor de fertilidade, tal como narra o Sr. Pedro, *No inverno a água chega e lava a terra, mas também a água suja deixa a vitamina, daí a gente não precisa de agrotóxico.*

Os ecossistemas em equilíbrio contribuem para a continuidade da biodiversidade e conseqüentemente da *práxis* local. Para Mazoyer e Roudart (2008) o que mantém o equilíbrio em um sistema social é a estabilidade entre a produção de matéria orgânica e sua perda. Ou seja, "(...)quando a quantidade de matéria orgânica produzida a cada ano pela fotossíntese é igual à quantidade de matéria orgânica destruída pela respiração e pela decomposição do leito"(p.79). Um equilíbrio nos dois extremos depende que o oxigênio liberado pela fotossíntese é compensado pelo oxigênio absorvido na respiração e decomposição de vegetais mortos. Nesse sentido, "Um ecossistema estável não "cria" nem "perde" nada, mas recicla tudo"(IBIDEM p.79).

A inundação é o sistema de irrigação natural mais antigo, pois é decorrente do transbordamento das águas do rio. Um fenômeno que os interlocutores confessaram parecer ser natural até o advento das barragens. A agricultura que depende do fenômeno das cheias não é uma particularidade do médio rio Tocantins, nem da Amazônia. De Araújo; Porto e Silva (2004, p.176), num estudo da história das



agriculturas no mundo revelam que no sexto milênio, a inundação era crucial   produção agrícola dos povos das margens do rio Nilo. Após as cheias, “com o recuo das águas, quando os solos estavam embebidos e enriquecidos pelos depósitos de aluviões, e a colheita acontecia na primavera”. Ambos os processos bióticos de nutrição, digo, o que fertiliza o solo nas áreas de vazantes tornando-o propício para o plantio e aquele que permite a continuidade da floresta em áreas n  inundáveis, são fragilizados por fatores externos, principalmente as a es humanas que interv m drasticamente nesses métodos de fertilização.

Lima (2007) admite que a estreita rela o com natureza possibilita esses sujeitos compreenderem sua ‘linguagem’, de modo que, nesse dinamismo simultâneo, a natureza parece os compreender, e essa rela o “recíproca” permite o ribeirinho também se alto compreender. Essa rela o, dentro de uma visão antropológica, é gerenciada por mecanismos subjacentes que organizam as rela es entre o homem e os ambientes (ESCOBAR, 2005). Mecanismos que Philippe Descola (1996) chama de “esquemas da *práxis*” que regulariam as rela es entre o homem e os elementos do território, estabelecendo limites e papeis bem definidos, por meio de procedimentos estruturantes que contribuem, também, para a sustentabilidade do homem e da natureza. Isto permite aos povos tradicionais sentirem-se integrados a ela, numa rela o que os habilita a entender os seus movimentos, ciclos e gostos.

Se pensarmos no cultivo nas vazantes como parte indissociável dos sistemas de vida e das rela es socioculturais desses interlocutores, elas transcendem seu valor substancial e visível, para ser talvez concebido como um elemento também cosmológico. Se isto é possível, as vazantes podem ser concebidas como espaços porque ambos são fontes econ micas indispensáveis para esses sujeitos, o primeiro, através da atividade pesqueira, o segundo, através do plantio de agriculturas responsáveis pelo sustento das f mlias.

### **Conclusões**

O modo como os povos tradicionais se relacionam com a natureza propicia-nos compreender a agricultura de vazante como um componente intermediário nessa



interação. Também, indispensável para a conservação dos ecossistemas, conseqüentemente, a continuidade do seu *modus vivendi*.

A práxis dos povos tradicionais permite a construção de sistemas simbólicos próprios envolvendo todo o processo de relações com a terra. Por essas e outras razões parece impossível imaginar esses sujeitos sem os sistemas de vazante. Se isto é verdade, a questão inicial continua em aberta para discussões posteriores. A intenção não foi esgotar o debate, mas retomar o debate sobre a relação homem e natureza a partir da relação dos povos tradicionais com a agricultura de vazante. Não propusemos situar-nos em uma ou em outra teoria, no entanto, não se deve negar que a manutenção dos ciclos naturais dos ecossistemas locais pode contribuir para a continuidade dos povos tradicionais do Médio Rio Tocantins.

#### Referências bibliográficas:

- BOURDIEU, Pierre. O desencantamento do mundo. O desencantamento do mundo, 1979.
- DE ARAÚJO, F. P., PORTO, Everaldo Rocha, et SILVA, MSL da. **Agricultura de vazante: uma opção de cultivo para o período seco. Embrapa Semi-Árido.** Instruções Técnicas, 2004.
- DIEGUES, A. C. S. **El mito moderno de la naturaleza intocada.** Editorial Abya Yala, 2000.
- ESCOBAR, Arturo. (2005). **O Lugar da Natureza e a Natureza do Lugar: globalização ou Pós-Desenvolvimento?** In: Lander, Edgardo (org.). A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, pp. 133-168.
- GLUCKMAN, Max. 1987 [1958] **'Análise de uma situação social na Zululândia moderna'**. In: FELDMAN-BIANCO, B. (org.), Antropologia das sociedades contemporâneas - Métodos. São Paulo: Global.
- LIMA, Elane A.C.. (2008). **Diálogos com a natureza, saberes dos povos da floresta amazônica.** IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.
- MALINOWSKI, B. (1978). **Os Argonautas do Pacífico Ocidental: Um Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia.** São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores).
- MAZOYER, Marcel et ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo. Do neolítico à crise contemporânea.** São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- MARX, Carl. (2010). **O capital: crítica da economia política.** Livro I-Volume 1. Tradução de Reginaldo Sant'anna. 27ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

+++++